

## **Movimentos sonoros da afrodiaspora: sobre percursos musicais e estratégias identitárias entre as juventudes negras de Bagé/RS**

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO  
SUBÁREA ou SIMPÓSIO: ETNOMUSICOLOGIA

*Antoniél Martins Lopes<sup>1</sup>*

*Universidade Federal do Rio Grande do Sul – antonielm150gmail.com*

**Resumo.** Este trabalho apresenta os processos iniciais de uma pesquisa etnomusicológica focada nas práticas sonoras-musicais da afrodiaspora e performatizadas pelas juventudes negras da cidade de Bagé, (RS), um núcleo urbano fronteiriço no sul do Brasil, com longo histórico escravagista. Esta escolha tem por objetivo contribuir, no futuro, com ações inclusivas e de sustentabilidade para este segmento geracional invisibilizado pela lógica da branquitude elitizada e discriminadora. A partir do mapeamento das redes de circulação sonora entre estes contextos jovens, sob a luz de uma abordagem etnográfica híbrida (presencial e virtual), sintonizada com os estudos interseccionais, espera-se desvelar quais as estratégias de resistência operacionalizadas nas práticas musicais entre as juventudes negras locais, na faixa-etária entre os 15 e 20 anos, aderente ou não ao ensino escolar.

**Palavras-chave.** Juventudes negras. Sonoridades afrodiaspóricas. Etnomusicologia

**Afro-diaspora movements: initial ethnomusicological notes on musical paths and identity strategies among the black youth of Bagé/RS**

**Abstract.** This paper presents the initial process of an ethnomusicological research on the sound-music practices of the black afro-diaspora, performed by black youth living in Bagé, RS, and a border town in south Brazil with a long history of enslavement. This choice aims to contribute in the future with inclusive and sustainable actions targeted at this generational segment, whose protagonists are still invisible by the logic of elitist and biased whiteness. From the mapping of the sound circulation networks of this context, under the light of a hybrid ethnographic approach (face-to-face and virtual), tuned with intersectional studies, it is expected to reveal which strategies of resistance are present among black youth in the age group between 15 and 20 years, which is equivalent to say, young people who have gone or should have gone through high school.

**Keywords.** Black youth. Black Afrodiasporic sonorities. Ethnomusicology

### **1. Introdução**

Este trabalho de mestrado<sup>2</sup> apresenta um estudo de reconhecimento das práticas sonoro-musicais afrodiaspóricas entre as juventudes negras de Bagé, Rio Grande do Sul, cidade universitária localizada no extremo sul do Brasil, na pampa fronteiriça com o Uruguai. Cenário de múltiplos embates entre o passadismo latifundiário, o ocultamento da escravização e as tensões emergentes pela implantação de um campus universitário público em 2008, Bagé, por conta de um ativismo negro organizado vem experimentando uma retomada de pautas histórico-culturais sobre racismo e discriminação que tentam descolonizar o imaginário de branquitude das elites locais<sup>3</sup>. Nessa linha, nos interessa indagar colaborativamente como as juventudes

negras desse contexto, na faixa etária dos 15 aos 20 anos e principalmente, em situação escolar regular ou liminal, conferem significado político-identitário às suas trajetórias sociais por meio de vínculos e práticas com gêneros e estéticas musicais de sua escolha.

Os dados do censo IBGE de 2010 permitem aferir uma população negra da ordem de 11.000 habitantes, ou seja 9% da população geral do município de Bagé. Neste universo, chamam atenção as métricas que apontam os jovens negros, estudantes na faixa dos 15 aos 20 anos, como o grupo que sofre o maior decréscimo de matrículas na passagem do ensino básico ao ensino médio e, sobretudo, da série inicial à série final neste último nível. Esta constatação é percebida através dos dados disponibilizados pelo INEP informando que em 2018 o município apresentava um percentual de evasão escolar da ordem de 10,3%, de reprovação de 29,4% e um atraso escolar de 35,9%. Já o Índice de Desenvolvimento Humano Educacional aponta Bagé em uma faixa entendida como média/baixa (0,647) no Brasil. Considerando o impacto social destas métricas, de suas dinâmicas de inclusão-exclusão educacional entre jovens negr@s, busca-se, através de uma abordagem etnomusicológica e do trabalho de campo virtual/presencial, facilitado pelo acesso a determinadas redes sociais, familiares, e escolares, conhecer-se como a circulação desse grupo jovem negro, em espaços de sociabilidade musical na cidade, acionam estratégias identitárias, protagonismos e resistências contra a discriminação numa região marcada por episódios racistas desde épocas passadas até os dias atuais.

Questões norteadoras da pesquisa neste estágio apontam para alguns eixos a serem explorados/revisados mais adiante. Por exemplo: de que forma as juventudes negras escolhem e se apropriam de gêneros, sonoridades, performances corporais e passam a ressignificá-las no contexto local? Como as narrativas desses/as jovens em relação às suas práticas sonoro-musicais constroem, viabilizam alternativas existenciais e de empoderamento identitário na contramão de predefinições impostas pela sociedade local? Com estas sinalizações, propõe-se construir um caminho para reflexões mais amplas de como as juventudes negras, fora das grandes metrópoles brasileiras, como exemplifica o trabalho de BRIÃO (2010), modela seus projetos artístico-culturais e constrói suas redes territoriais (físicas ou virtuais) de aproximação e/ou oposição das sonoridades evocadas pelo funk, *hip hop*, samba, pagode, etc. assim como outras manifestações culturais e religiosas afrodiáspóricas.

As entradas iniciais em campo oportunizaram as conversações com quatro jovens entre 18 e 20 anos, todos residentes em bairros de perfil popular na cidade. Duas jovens negras estão matriculadas e dois jovens negros recém concluíram ensino médio, todos em escolas públicas.

Ao se reconhecerem como negros, os quatro jovens participantes desta etapa da pesquisa têm vivência constante com a dança afro inserindo-se em diversas performatizações do *hip hop*, jazz, dança contemporânea e *street dance* apresentadas em festivais locais como a “Feira Internacional de Danças de Bagé - FID” e o “Dança Bagé”.

## 2. Encontrando as bases teórico-metodológicas

A proposta da pesquisa orienta-se pelos estudos etnomusicológicos cuja perspectiva de reflexão-ação se torna fundamental para o trabalho de interpretação dos conteúdos pertinentes ao tema deste trabalho. O caráter multidisciplinar sobre as diversidades sonoro-musicais preocupa-se com os modos de dialogicidade e construções socioculturais de pessoas que fazem música em determinado tempo e espaço (LUCAS, 2013). Com isto sendo exercitado constantemente e conforme o tema sobre juventudes negras foi sendo incorporado ao cotidiano das indagações e leituras sobre as questões étnico-raciais, via estudos musicais propostas, por exemplo, por RADANO e BOHLMAN (2000), sob uma perspectiva atenta aos conflitos presentes em contextos musicais negligenciados pelas lógicas canônicas ocidentalizadas, como ocorre frequentemente com músicas das afrodiásporas. A respeito desta preocupação, ROSE (1994) revelou os diversos desafios na cena do *rap* dos EUA, nas décadas de 80 e 90, sobretudo ao salientar os demarcadores sociais de raça e gênero como indissociáveis na percepção das tensões e códigos da sociedade negra urbana norte-americana até os dias atuais. Com estas problemáticas em jogo, a autora retoma o debate das estratégias de inserção negra no contexto musical através dos recursos midiáticos e também como as produções dos materiais audiovisuais provocam leituras contraditórias sobre o *rap* e o *hip hop*, por exemplo, quando a estratégia de exposição de cenas impactantes das desigualdades sociais e linguagens codificadas operam como modos de resistência e reflexão, embora complexos, dos problemas de discriminação ao invés de reificá-los.

Quanto às diferentes perspectivas metodológicas tratadas pela etnomusicologia, ressaltam-se as reflexões reunidas por BARZ e COOLEY (2008) acerca das diferentes maneiras de operar as práticas etnográficas, sejam tanto em espaços presenciais ou em ambientes considerados virtuais, ou, por exemplo, de como entender os diferentes tipos de registros etnográficos (escritos, sonoros e visuais) conectados às nossas experiências sonoro-musicais com a dos nossos interlocutores. As preocupações atuais do contexto pandêmico global exigiram a retomada enfática das abordagens da netnografia para a continuidade do trabalho de campo em tempos de distanciamento. Neste sentido, o trabalho de MILLER (2012), aproximando-se dos estudos sobre performance e corporeidade com atenção voltada aos

contextos digitais, representa uma importante contribuição para acompanhar um meio bastante utilizado pelos jovens desta pesquisa: os recursos das tecnologias de informação e comunicação (TICs), em aplicativos como o Tik Tok. Além disso, os aplicativos Whatsapp e Instagram mostraram-se ferramentas efetivas de conversação, interação por vídeo chamadas e observação tanto como *insider* quanto *lurker* (POLIVANOV, 2013).

### 3. Interações iniciais em campo

Em 2020 foram iniciadas as tratativas de conversações com os jovens interlocutores contatados através de amigos. As mensagens trocadas pelo Whatsapp propiciaram diferentes pontos de compreensão de suas práticas sonoras-musicais, a partir das experiências com a dança, foco das atividades desta rede estabelecida entre os 4 interlocutores.

Lucas Barreto Alves, 20 anos, concluinte do ensino médio em 2019, dançarino de *street dance* e *jazz*, comentou em uma das conversas que através das suas experiências com *street dance* percebeu o quanto: “[...] o *hip hop* ainda é um pouco excluído em alguns aspectos assim... essas pessoas que fazem parte acabam sendo excluídas como aquelas que fazem grafites”. (Conversa por Whatsapp, 2020)

As marcas da religiosidade de matriz africana, presentes na cidade de Bagé em diversas casas de Umbanda e de Nação já foram performatizadas em dança por Lucas e também por Luise Zavarize, 19 anos, estudante matriculada no ensino médio, dançarina de *street dance* e *jazz*: “[...] temos uma dança em grupo relacionada a Dona Santinha, benzedeira de Bagé, uma homenagem a ela. É afro também, mais puxado para o livre, mas tem uma pegada afro.” (Conversa por Whatsapp, 2020).

Dentre os jovens que dançam e expõem abertamente suas vivências religiosas de matriz africana em suas redes sociais, está a voz de Kainã Alves, 19, anos, concluinte do ensino médio em 2020, dançarino em um grupo de danças afrobrasileiras com outros participantes com idades acima dos 20 anos, onde ele comenta que: “a música [...] sempre está presente no meu dia a dia. Um detalhe que é bem legal é que 95% dos componentes do grupo são negros, um fato que infelizmente não é em todo lugar que existe essa predominância.[...]. (Conversas por Whatsapp, 2020).

As trajetórias musicais variam entre os jovens, demonstrando, não apenas as vivências da corporeidade na dança, mas também dentro dos esportes. Esses movimentos em

diferentes práticas de sociabilidade foram explicitadas por Lilian Ferraz, 20, anos, estudante do ensino médio e dançarina de *street dance*. A respeito destas experiências, a jovem destacou que:

[...] sentir a dança, ter aquela energia e colocar o máximo que a gente pode é sensacional e é uma das coisas que eu mais gosto de fazer porque eu jogo futebol também e só não faço mais por falta de dinheiro também, mas tudo começou no colégio fundamental e inclusive tenho várias medalhas de judô, futsal, futebol de campo e de dança e hoje em dia é mais fácil porque eu vou para o Youtube se eu quero aprender algum passo e faço igual, sei dançar alguns ritmos, mas o que eu pratico é dança urbana. Sobre a música, eu sempre escutei todos os tipos e é onde pego para escutar quando estou nos dias não muito legais, quando estou feliz, para dançar, na real para tudo, mas eu curto muito [...] batida e as danças africanas que tem um jeito diferenciado, na minha família todos gostam tanto da música como a parte de dançar, mas os que praticam mesmo é a minha sobrinha [...] a dança do ventre e meus dois sobrinhos que tocam violão e guitarra e tem a minha irmã por conta do meu cunhado que tem um bloco carnavalesco que já faz um bom tempo. (Conversa por Whatsapp, 2020).

Tal relato oferece um panorama de reconhecimento dos pontos de escuta e experiências musicais a partir também das relações de parentesco dos interlocutores com a circulação de diferentes manifestações das músicas afrodiáspóricas em Bagé.

Em seus relatos mais recentes em postagens nas redes sociais, três deles expressam abertamente suas posicionalidades voltadas às pautas LGBTQIA+, em especial ao movimento de conscientização do orgulho celebrado na data de 28 de junho, sendo também um guia de orientação para expressar seus interesses por dança como um espaço de exploração da liberdade e da criatividade. A partir do relato de Lucas sobre os desafios dessa luta, o jovem dançarino revelou que “[em] cidade do interior acaba se tornando ainda mais difícil”. (Conversa por Instagram, 2021).

A simultaneidade de ensino e aprendizagem de dança também se faz presente neste grupo de jovens estudantes. Luise, tornou-se recentemente professora de dança com a proposta de aulas intitulada de “*Tik Tok dancers*” na mesma academia de dança frequentada por Lilian e Lucas. A jovem instrutora comentou que “atualmente o Instagram tem mais engajamento dos jovens se comparado ao Facebook”. (Conversa por Whatsapp, 2021). Outras pistas de confirmação das práticas de dança e sonoridades urbanas contemporâneas, incluem referências afrodiáspóricas com elementos da música eletrônica, que vem sendo observadas por intermédio das atualizações cotidianas no status de atividades de suas contas do Instagram, WhatsApp, assim como constantes chamadas para acompanhar suas interações performatizadas com o aplicativo Tik Tok.

#### 4. Considerações finais

O processo das conversações registradas neste trabalho com os atuais interlocutores da pesquisa aponta o potencial do tema das diferentes formas de expressão das juventudes negras e suas estratégias identitárias no contexto de discriminações históricas do sul fronteiriço, destacando-se a explicitação de suas vontades, percursos, conexões entre o ensino e aprendizagem de práticas sonoro-musicais afrodiaspóricas e estratégias de visibilização a partir das TICs. Como parte das aprendizagens em campo, recentemente me tornei membro do grupo de dança no qual as/os jovens interlocutoras/es participam semanalmente das atividades de *street dance*, com foco nas performances do *hip hop*. Espera-se que a partir da continuidade desta estratégia interativa seja possível adentrar com mais profundidade em outros círculos de sociabilidade negra jovem a fim de captar e compreender outras lógicas dos fluxos das circulações musicais afrodiaspóricas e desta forma tecer diálogos mais profícuos com a recente literatura intelectual negra que vem sendo produzida no país.

#### Referências

- ALVES, Lucas Barreto. Entrevista a Antoniel Martins Lopes. Bagé. 25 out 2020. Texto, 1 página. Não publicada.
- ALVES, Lucas Barreto. Entrevista a Antoniel Martins Lopes. Bagé. 28 Jun 2021. Texto, 1 página. Não publicada.
- ALVES, Kainã. Entrevista a Antoniel Martins Lopes. Bagé. 26 out 2020. Texto, 1 página. Não publicada.
- BARZ, Gregory, COOLEY, Timothy J. *Shadows in the Field: New Perspectives for Fieldwork in Ethnomusicology*. 2 ed. New York: Oxford University Press, 2008.
- BRIÃO, Horácio da Rosa. *O rap pelotense manda um salve: um estudo sobre juventude, quilombismo urbano e inclusão social*. Pelotas, 2010. 169 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Instituto de Sociologia e Política. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas. 2010.
- DAYRELL, Juarez Tarcisio; JESUS, Rodrigo Ednilson de. *Juventude, Ensino Médio e os Processos de Exclusão Escolar*. Campinas, v. 37, n. 135, p. 407-423, 2016.
- FERRAZ, Lilian. Entrevista a Antoniel Martins Lopes. Bagé. 21 out 2020. Texto, 1 página. Não publicada.



IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Brasileiro de 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Sinopse Estatística da Educação Básica 2020. Brasília: 2021.

LUCAS, Maria Elizabeth. (Org.). *Mixagens em campo: etnomusicologia, performance e diversidade musical*. Porto Alegre: Marcavisual, 2013.

MILLER, Kiri. *Playing Along: Digital Games, YouTube, and Virtual Performance*. Oxford: Oxford University Press, 2012.

POLIVANOV, B. Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? Implicações dos conceitos. *Esferas*. Brasília, Ano 2, n. 3, (p.61-71), 2013. Disponível em <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/view/4621/3243>: Acesso em 26 set 2021.

OLIVEIRA, Nara Rosane de. *Professores do ensino médio desbravando trilhas nos meandros da in/exclusão social: desconstruindo preconceitos, reconstruindo caminhos, sociopoetizando*. Bagé, 2019. 213 f. 2019. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Ensino). Universidade Federal do Pampa, Campus Bagé, 2019.

RADANO, Ronald M. & BOHLMAN, Philip V. (ed.). *Music and the Racial Imagination*. Chicago: The University of Chicago Press, 2000.

ROSE, Tricia. *Black Noise: Rap Music and Black Culture in Contemporary America*. Middletown: Wesleyan University Press, 1994.

SILVA, Rafael Rodrigues da. *Ensino de música em conservatórios de Bagé - Rio Grande do Sul (1904 - 1927): uma sociologia dos processos músico pedagógicos na Primeira República*. Porto Alegre, 2019. 338 f. Tese (Doutorado em Música). Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

ZAVARIZE. Luise. Entrevista a Antoniel Martins Lopes. Bagé. 24 out. 2020. Texto, 1 página. Não publicada.

ZAVARIZE. Luise. Entrevista a Antoniel Martins Lopes. Bagé. 28 jun. 2021. Texto, 1 página. Não publicada.



## Notas

<sup>1</sup> Licenciado em Música pela Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA, mestrando em Música na área de concentração Etnomusicologia/Musicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, bolsista CNPq e integrante do Grupo de Estudos Musicais (GEM/UFRGS) sob orientação da Profa. Dra. Maria Elizabeth Lucas.

<sup>2</sup> A revisão inicial de literatura sobre o contexto educacional de Bagé, tanto o da escola regular quanto o de ensino musical apoiou-se nos trabalhos de Nara Rosane Oliveira (2019) e Rafael Rodrigues da Silva (2019). Os estudos de Juarez Tarcisio Dayrell e Rodrigo Ednilson de Jesus (2016) foram uma referência relevante para compreender as análises relacionadas às juventudes no ensino médio e seus desafios no contexto de escolas públicas do Brasil.

<sup>3</sup> Em 2017, o episódio vitimando o senegalês Ousmane Tall, residente em Bagé, trouxe à tona a batalha constante contra as manifestações de xenofobia e racismo na região da fronteira. A síntese da situação está disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6135066/>. Acesso em 26 jun. 2021.